ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

A vida social contemporânea é atravessada por uma sombra espessa que cobre a percepção dos indivíduos, uma espécie de opacidade que não pode ser atribuída simplesmente à ignorância, à manipulação, à falta de educação formal ou à propagação de mentiras. A cegueira que se instalou como forma dominante de consciência é mais profunda que isso, mais entranhada, mais visceral. Não se trata de uma falha acidental do entendimento, mas de uma formação histórica precisa, resultado de séculos de deformação social, de subalternidade estrutural, de individualismo defensivo, de práticas culturais que aprenderam a sobreviver sem compreender e a sentir sem se organizar. O sujeito contemporâneo vive imerso numa contraditória reivindicação de autonomia pessoal ao mesmo tempo que é incapaz de enxergar qualquer dimensão coletiva; reivindica autenticidade enquanto repete, com zelo religioso, as categorias sensíveis que lhe foram dadas pelo próprio sistema que ele finge contestar; celebra a liberdade enquanto reproduz a servidão; crê possuir uma opinião própria enquanto recusa o gesto mínimo da crítica. A cegueira nasce nesse descompasso entre o eu e o mundo, entre a sensação e a história, entre o imediatismo e a totalidade.

A formação dessa cegueira tem raízes longas. Em sociedades periféricas, dependentes, marcadas pela violência colonial e pela ausência de instituições públicas que se consolidassem de forma universalista, o indivíduo raramente conheceu o espaço coletivo como campo de pertencimento e construção. A relação com o Estado sempre foi de ameaça, clientelismo ou carência; a relação com as classes dominantes sempre se deu pela distância ou pela imitação; a relação com o trabalho sempre esteve atravessada pela precariedade. Essa experiência cotidiana, repetida por gerações, produziu um tipo de sujeito que aprendeu a confiar apenas na própria vivência, naquilo que está à mão, no círculo estreito da afetividade imediata. Não se trata de uma característica moral, de uma deficiência cognitiva, mas de uma estrutura social que conformou os limites da consciência e da sensibilidade. O mundo é sempre percebido pela lente estreita da experiência individual porque a mediação coletiva quase nunca se instituiu como força sensível.

Essa primazia da experiência sobre a estrutura se tornou o eixo da cegueira. O indivíduo é treinado desde cedo a desconfiar da abstração, da teoria, da análise social, de tudo o que ultrapassa a esfera da vivência íntima. A história é percebida como algo

distante, alheio, inútil. A crítica aparece como loucura, arrogância, elitismo. A reflexão teórica é vista como artificialidade sem vida. Esse mecanismo cria uma sociabilidade em que a verdade é menos importante que a sensação. A objetividade é substituída pelo gosto. O fato é substituído pela impressão. O conflito social é substituído pelo drama pessoal. A política se dissolve na psicologia. O pensamento se reduz a um testemunho subjetivo. E qualquer tentativa de restaurar a objetividade é recebida como violência simbólica — não porque o conteúdo seja violento, mas porque obriga o indivíduo a deixar o único terreno onde ele ainda se sente inteiro: o da própria experiência imediata.

A cegueira contemporânea, então, não é uma negação da realidade, mas uma fuga do que a realidade exige. A verdade, para se afirmar, exige deslocamento: sair de si, sair do círculo íntimo, abandonar certezas, enfrentar contradições, ampliar a escala do olhar. Isso pressupõe um sujeito minimamente estabilizado, com capacidade de suportar a perda de ilusões. No entanto, a sociedade contemporânea produz sujeitos fragmentados, vulneráveis, desgastados, lançados ao medo crônico, ao estresse permanente, à instabilidade contínua. Diante desse cenário, a recusa da verdade torna-se uma defesa. A crítica é vivida como ataque pessoal porque coloca em risco o frágil equilíbrio psicológico. A verdade é odiada porque ela exige uma reorganização interna que muitos não conseguem realizar sem despencar. É nesse ponto que a cegueira se torna forma de sobrevivência. Essa cegueira é também política. A cultura da individualidade extrema, reforçada pelo neoliberalismo, transformou a experiência em mercadoria simbólica, em identidade, em capital emocional. O sujeito é incentivado a se compreender como unidade autossuficiente e a rejeitar qualquer explicação que ultrapasse sua biografia. Essa pressão cria uma repulsa automática por análises de classe, por críticas estruturais, por interpretações históricas que exijam pensar a sociedade como totalidade. O indivíduo se apega a pequenas narrativas que confirmam sua prática imediata — e tudo o que a desafia é tratado como arrogância intelectual. A política deixa de ser terreno de elaboração coletiva e passa a ser campo de reafirmação de identidades frágeis. O debate se torna impossível. A troca vira ataque. O argumento vira ofensa. O pensamento vira provocação intolerável.

Uma das formas mais violentas dessa cegueira é a anti-ciência cotidiana — não o negacionismo vulgar de quem rejeita vacinas ou acredita em teorias conspiratórias, mas o anti-intelectualismo difuso de quem se enraíza na própria experiência como se ela fosse

a unidade última da realidade. O conhecimento crítico é percebido como autoritarismo porque desloca o indivíduo da zona confortável do senso comum. A análise rigorosa é atacada como elitismo porque obriga a admitir que o mundo não pode ser compreendido apenas por intuição. A teoria é deslegitimada como "coisa de quem acha que sabe mais" porque mexe no equilíbrio afetivo que mantém o sujeito coeso. Essa anti-ciência, portanto, é defesa emocional. É proteção contra o desamparo de reconhecer a própria condição histórica. É guarda-costas psíquico.

A percepção do mundo, assim, fica reduzida a uma espécie de presentismo emocional: tudo se explica pelo agora, pelas circunstâncias locais, pelo que se sente no momento. A história desaparece como estrutura. A economia desaparece como força. O Estado desaparece como instituição de classe. A ideologia desaparece como mediação. A totalidade desaparece como categoria. O indivíduo vive numa bolha existencial onde tudo é pessoal, tudo é imediato, tudo é interpretado como gesto direto, sem mediação, sem lente ampliada. O mundo é pequeno, estreito, claustrofóbico — mas confortável, porque não exige nenhum movimento interno. Essa forma de cegueira se reforça no campo cultural. A arte, que poderia abrir horizontes, é frequentemente reduzida à catarse emocional e ao entretenimento. A música é consumida como trilha pessoal, não como produto histórico. O cinema é interpretado pela chave da identificação subjetiva, não como expressão de conflitos estruturais. A literatura é vista como passatempo ou autoajuda, não como linguagem da totalidade. A cultura deixa de iluminar o mundo e passa a confirmar o eu. Nesse ambiente, a crítica profunda parece agressão. A análise estética parece dogmatismo. O pensamento vira ruído. O rigor vira dureza. O estudo vira soberba. Essa inversão cultural alimenta ainda mais o orgulho da ignorância: saber menos vira prova de autenticidade; saber mais vira sinal de arrogância. É um verdadeiro quiproquó ideológico.

O orgulho da ignorância é o mecanismo mais devastador dessa cegueira. Ele se forma quando a sociedade destrói as condições de acesso ao saber e, ao mesmo tempo, cria uma cultura que glorifica o improviso, a espontaneidade, o "sentir" como bússola absoluta. O resultado é um indivíduo que, privado do conhecimento, converte a privação em virtude, transformando a incapacidade histórica em identidade moral, a limitação em bandeira, transformando a recusa da crítica em heroísmo emocional. O sujeito passa a acreditar que compreender o mundo é uma forma de dominação e que permanecer no erro

é prova de humildade. Esse processo é letal porque impede qualquer possibilidade de emancipação: ao rejeitar o saber, o indivíduo entrega sua própria existência às mãos das forças sociais que ele não consegue perceber. Essa cegueira também opera através do ressentimento. O capitalismo dependente produz desigualdades tão profundas que a mera existência de alguém que compreenda a estrutura pode ser vivida como humilhação por quem não teve acesso a esse universo. O ressentimento se converte em raiva contra a crítica, como se o pensamento fosse responsável pela desigualdade que apenas descreve. A crítica é vista como julgamento. O estudo aparece como arma, o conhecimento como instrumento de distinção. O indivíduo reage denunciando o outro como "elitista" para não admitir a violência de sua própria condição histórica. O ataque é menos sobre quem critica e mais sobre a dor de perceber, ainda que confusamente, que existe um mundo inteiro que lhe foi negado.

A cegueira se reforça pela ausência de projetos coletivos. Sem organizações, sem partidos capazes de educar politicamente, sem movimentos duradouros, sem espaços de formação, o indivíduo fica reduzido ao próprio corpo, ao próprio círculo social, às próprias experiências. A esfera pública se esfacela. A política é substituída por redes sociais, mentiras, intimidade exibida. O debate vira performance. A argumentação vira espetáculo. A verdade vira disputa de narrativas. E o sujeito, isolado, enfraquecido, assombrado por inseguranças, defende sua subjetividade como último território. Finca ali a sua bandeira num terreno vazio. Numa sociedade sem coletividade, o eu vira trincheira — e qualquer crítica é percebida como invasão, desrespeito, afronta. Nessa atmosfera, a verdade se torna insuportável. Não porque seja difícil, mas porque exige uma coragem coletiva que o indivíduo isolado não possui mais. A verdade obriga a pensar para além da biografia, obriga a reconhecer que a experiência pessoal, por rica que seja, não é medida da história. A verdade exige deslocamento e esse deslocamento, para muitos, soa como violência. Por isso, a cegueira se instala como forma de anestesia. Ela impede o desmoronamento psíquico. Ela protege o indivíduo de uma realidade que, vista em totalidade, parece esmagadora. É uma cegueira útil — útil ao sistema, claro, que se beneficia de uma população incapaz de perceber suas próprias correntes.

A cegueira é total, mas não absoluta. Ela pode ser rompida, mas não por vontade individual. A superação dessa forma de consciência exige reorganização da vida social, reconstrução de espaços coletivos, reestruturação do campo cultural, criação de

instituições críticas que voltem a produzir sujeitos capazes de atravessar a dor do conhecimento. A emancipação não é um gesto pessoal, é um processo histórico. Enquanto o indivíduo acreditar que sua vivência é suficiente para compreender o mundo, a cegueira continuará a reger as relações sociais. Enquanto o orgulho da ignorância for celebrado como autenticidade, a crítica será sempre percebida como agressão. Enquanto a sociedade produzir sujeitos frágeis, incapazes de suportar o peso da história, a verdade será sempre odiada. A cegueira contemporânea é o resultado mais acabado do capitalismo tardio: um sujeito que acredita ser livre enquanto repete, com precisão maquinal, as formas sensíveis da dominação. É um mundo onde cada um se refugia no que sente para não enfrentar o que é. É uma sociedade que se move numa névoa densa, onde todos caminham tateando, orgulhosos de sua própria escuridão. Mas essa escuridão não é natural: é produzida, cultivada, administrada. É a forma moderna da alienação — e sua violência maior é impedir que o indivíduo veja a própria alienação. A cegueira só será rompida quando o sujeito reencontrar o mundo. E reencontrá-lo significa devolver à história o que foi sequestrado pela experiência; devolver à política o que foi aprisionado na intimidade; devolver ao coletivo o que o individualismo corroeu; devolver à crítica o que o ressentimento destruiu. A emancipação começa quando a luz da verdade deixa de ser percebida como ameaça e passa a ser entendida como condição da vida. Até lá, caminharemos num país onde enxergar é escândalo e onde a cegueira é celebrada como virtude.

Arthur Moura